

12-2004

A primeira Evangelização no Leste dos Camarões

Daniel Taba

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Taba, D. (2004). A primeira Evangelização no Leste dos Camarões. *Missão Espiritana*, 6 (6). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol6/iss6/17>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

a primeira evangelização no leste dos camarões

Desde os anos 50, entre os missionários espiritanos no Leste dos Camarões, o P. Ignace Dhellemes deu uma atenção particular aos Baka. Durante quarenta anos, o P. Ignace esforça-se à por ajudá-los, cuidar deles e defendê-los.

Desde há milhares de anos que os povos vivem na floresta. Entre eles os Pigmeus, caçadores e agricultores semi-nómadas, e grupos banto que praticam a agricultura itinerante nas zonas queimadas. Estes homens desenvolveram modos de vida integrada nos sistemas ecológicos, trabalhando a floresta, mas respeitando-a na sua essência.

Desde há alguns decénios, a floresta sofreu uma transformação radical: exploração intensa de madeira trabalhada. Em média, 250 camiões carregados de troncos saem diariamente dos Camarões em direcção ao porto de Duala para exportação. Cada camião transporta pelo menos entre cinco a dez toros. Isso provocou a abertura de numerosas vias florestais, caça intensiva, desenvolvimento de uma agricultura de exportação. Assim o equilíbrio ecológico está profundamente perturbado e por vezes irremediavelmente destruído.

Esta situação é intensificada pela crise económica e pelo descomprometimento do Estado camaronês. As populações sofrem as consequências e assistem, impotentes ao desaparecimento de uma parte importante dos seus recursos mais vitais. Isto é particularmente angustiante nas zonas encravadas e isoladas principalmente onde vivem os pigmeus e os grupos de aldeãos banto que se encontram excluídos de todo o desenvolvimento. Isso agrava as desigualdades entre pigmeus e aldeãos banto. Entre as dez províncias dos Camarões, a do Leste é a mais pobre e contudo a mais rica.

Se bem que pratiquem cada vez mais a agricultura de subsistên-

“o equilíbrio ecológico está profundamente perturbado e por vezes irremediavelmente destruído”.

* Daniel Taba, Superior da região leste dos Camarões.

cia, os pigmeus dão ainda à floresta um lugar preponderante na sua alimentação e vida cultural. Empurrados pela diminuição de alimento na floresta, seduzidos pelos bens de consumo, desejosos de serem reconhecidos como homens, são inexoravelmente constringidos a uma evolução que os leva a abrirem-se ao mundo exterior, o que exige uma verdadeira mutação. Porque necessitam de se situar numa sociedade cujos valores os ultrapassam e desestabilizam.

Interpelados por esta situação, os espiritanos enviados a trabalhar no Leste integraram esta problemática na sua missão de evangelização (P. Ignace Dèhlemmes).

A floresta: universo do homem Baka

“A floresta é a mãe que os alimenta e lhes forneceu até recentemente tudo aquilo de que tinham necessidade”

Os Baka pertencem a uma sociedade de caçadores semi-nómadas que vivem da recolha de frutos da floresta, lançados hoje para o caminho de uma dura aprendizagem de sedentarismo. Esta não está adquirida, e permanecem muitos aspectos da sua antiga civilização. Formam um grupo avaliado em cerca de 60.000 indivíduos sobre os 400.000 habitantes que existem no Leste dos Camarões.

Habitam no coração da floresta equatorial. Esta constitui o seu meio natural e o seu universo, aquele que deu a infra-estrutura de toda a sua civilização. A floresta é a mãe que os alimenta e lhes forneceu até recentemente tudo aquilo de que tinham necessidade. Hoje está entregue à exploração desenfreada e o esgotamento de recursos da bio-diversidade mergulha os Baka como os Bantos numa miséria crescente e destrói a sua cultura.

“A esperança de vida dos Baka é de 23 anos”

A esperança de vida dos Baka é de 23 anos, número assustador, (55 anos para os outros). Os indicadores de mortalidade e de doença são ainda piores que os do resto da população. O povo Baka sofre sobretudo das doenças da miséria: úlceras, parasitoses, dermatoses, tuberculose e SIDA, que faz autênticas devastações no seio deste povo que há cinco ou seis anos estava à margem destas doenças.

O Baka é naturalmente um ser da floresta. Partilha com as outras criaturas vivas a sua essência orgânica. A sua religião põe-no diante de Komba (Deus) e dos manes dos ancestrais e de outros habitantes da floresta. Não precisa, pois de transformar muito a natureza, e vive do que ela lhe dá, concedendo um papel essencial à sorte. Esta é controlada pelas mulheres e manifestada na generosidade da natureza. É um aspecto importante a ter em conta na medida em que a maior parte das acções de desenvolvimento, por exemplo, são muitas vezes concebidas para subjugar a natureza, e pô-la à disposição do homem que a transforma. Todavia, pouco a pouco os Baka adoptam a agricultura. Os rendimentos são ainda fracos, porque as suas actividades tradicionais não obedecem ao calendário agrícola e eles têm outra concepção do tempo e do tra-

balho, acontecendo o mesmo no mundo religioso dos Baka.

A vida religiosa impregna todos os aspectos da vida dos Baka. Para eles, existe um Deus único Komba, criador de tudo e providência para o homem. Este Deus é igualmente o garante da ordem social. Numa cultura em que a caça e a agricultura dão os principais recursos, a sorte, cuja sede está na frente (libandjo), tem uma grande importância. Para o Baka, a descoberta do alimento quotidiano depende sobretudo da sorte, e é Deus quem a concede. Os chefes de família e os anciãos permanecem os intermediários privilegiados entre Deus e os outros membros do grupo. São eles que administram as bênçãos (saliva misturada com pó de padouk).

O mundo religioso Baka é igualmente povoado de diversos espíritos. Seria mais exacto chamá-los "manes" porque são todos apresentados como tendo tido primeiro uma vida humana anterior. Alguns destes espíritos, incarnados em máscaras, aparecem no campo para a dança. Só se podem aproximar deles os que já sofreram a iniciação. Entre esses espíritos, podemos mencionar *Bokela*, que arrasta o caçador para uma caça grossa; *Kose* que preside à dança da adivinhação do Nganga e dos cuidados no momento da "dança do fogo". *Mongelo*, que aparece por ocasião de um óbito. *Nyabula* que intervém quando alguém matou um elefante. É preciso igualmente conceder um lugar importante ao *Jaboko*, espírito que preside ao rito Yeli, e a *Djengi*, considerado como o maior dos espíritos da floresta: daqui o carácter sagrado da floresta. *Djengi* torna definitivas as decisões mergulhando com os outros nas profundezas silvestres. *Djengi* revela-se como a porta de entrada na cultura Baka, na medida em que ocupa um papel central e controla os indivíduos e assim assegura a disciplina no interior do grupo. Assegura a coesão interna, reservando para si o papel integrador. Tem uma autoridade supra clânica. Faz uma muralha contra as intrusões do exterior. Descobre-se então que este grupo sem hierarquia visível, sem autoridade central, dispõe de um controlo eficaz dos seus membros; que, por detrás do carácter instável, se esconde um núcleo duro, e que o Baka permanece tão inacessível pela disciplina, para não se entregar, para não entregar uma dimensão essencial da sua identidade, da sua cultura ciosamente conservada pela floresta que é o seu tudo. Os Baka não são os únicos habitantes da floresta, há igualmente os bantos, mas a sua coabitação não é sempre pacífica.

A relação Baka / Banto

As relações dos Baka com os Banto, que vivem na mesma floresta equatorial, não cessam de colocar problemas. Cada grupo pigmeu mantém relações económicas exclusivas com uma família Banto. Cada dia os pigmeus Baka de Lomié levam aos seus patrões Banto uma parte das suas presas de caça, bem como produtos da floresta

"A vida religiosa impregna todos os aspectos da vida dos Baka"

e recebem de volta utensílios de ferro (facas, machados, lanças...), mas também produtos agrícolas. Sazonalmente, os homens Baka participam no desbravar de novos campos e suas mulheres ajudam os aldeãos nas tarefas das colheitas ou de transporte. Como salário de um dia de trabalho, recebem um pouco de sal, de arroz, roupas velhas, cigarros, ou um copo de álcool africano. Tudo isto tornou-se para eles objecto de grande valor, de tal modo que o homem Baka de Lomié é capaz de tudo para os adquirir. Conscientes desta dependência crescente os Banto servem-se deles conforme lhes apraz. Sedentários agricultores, os Banto têm necessidade de mão-de-obra que encontram por um preço ridículo junto dos Baka. Porquê? Porque no decorrer dos séculos, as amizades e as alianças estabeleceram-se junto dos chefes Banto e o chefe da família Baka, através de um pacto de sangue. Ingénuo, o Baka acredita. Mas para os Banto trata-se de assegurar a mão-de-obra gratuita e os pactos de sangue tornam oficialmente os Baka propriedade privada dos chefes banto.

Na região de Lomié, que conheço bem, ao lado da cada aldeia Banto, está instalado um acampamento Baka. Assim cada grande chefe Banto tinha os seus escravos Baka, que utilizava a seu bel-prazer. Outrora tinham o direito de vida e de morte sobre os Baka. Este estado de coisas não continuará indefinidamente sobre os descendentes: vinganças nos acampamentos, bastonadas, abusos, violações, são vexames que os seus vizinhos e patrões Banto multiplicam sobre eles. Não lhes reconhecem a propriedade do terreno à margem da estrada principal na qual a administração os forçou a instalarem-se. São os culpados de todos os males: roubos, mentiras, chimpanzés... A estas atitudes humilhantes junta-se a recusa constante da justiça. Sabe-se que se um Baka tem um problema com um Banto, isso é julgado nos Banto, e o Baka é que faz sempre o mal quando é inegável que ele tem razão; não é indemnizado, nem lhe restituem aquilo a que tem direito. Não têm bilhete de identidade, são analfabetos, não conhecem os caminhos da administração, não se podem apresentar diante das autoridades, porque não têm nenhuma existência jurídica.

Diante de um quadro tão sombrio, como é que os espiritanos, missionários comprometidos no seguimento de Jesus Cristo, ao serviço dos pobres, podem ficar indiferentes? O evangelho que vieram anunciar não é palavra de vida e de liberdade?

O nosso compromisso missionário

Desde os anos 50, entre os missionários espiritanos presentes no Leste dos Camarões, o P. Ignace Dhellemes deu uma atenção particular aos Baka, a partir da leprosaria de Kouamb em Abongmbang para onde foi nomeado. Interessou-se nomeadamente pelas origens dos pigmeus Baka; mais tarde, a partir de Souanké, percorreu a flo-

resta do Leste e do Sul dos Camarões, assim como o Norte do Congo Brazzaville para os recensear. Graças aos seus trabalhos de recenseamento, conhecemos melhor o número dos Baka.

Assim, o primeiro cuidado do padre não é o de administrador do sacramento do baptismo ao primeiro que aparece, longe disso e ao contrário é de os conhecer, de ficar no meio deles como um irmão procurando compreendê-los melhor, para melhor os ajudar. Só por volta de 1959 é que baptizou o primeiro Baka no seu leito de morte. Durante quarenta anos junto dos Baka, o P. Ignace esforçar-se-á por os ajudar, por cuidar deles, por os defender e acompanhar nas sua procura das diferentes autonomias relativamente aos Banto.

Em 1969, Mons. Lambert Van Heygen, o único Bispo espiritano do Leste, decide criar um projecto para a promoção da agricultura, educação e saúde junto das populações Baka. Para isso tinha necessidade de pessoal e dinheiro. Monsenhor sabia como agir e encontrou financiamentos na Europa e uma comunidade religiosa dos Irmãosinhos de Jesus, que instala em Salapoumbé a mais de 400Km de Bertoua, para se ocuparem dos Baka. Num primeiro tempo, os Irmãosinhos de Jesus limitaram-se a uma aproximação cultural e à animação pré-escolar dos jovens Baka. Numa segunda fase, ficam junto dos Baka para aprender a língua e a cultura. A partir de Salapoumbé foram publicados vários livros sobre os Baka entre outros a tradução da Bíblia em Baka.

No início dos anos 70, as Irmãs Espiritanas Marie Alberic e Adèle, juntaram-se aos padres espiritanos no sector de Lomié, mas preferiram instalar-se em Messock em plena floresta e acharam que a relação Baka-Banto é uma relação de dependência. Decidem separar os Baka dos Banto, fundando uma aldeia inteiramente Baka a 40 km de Lomié onde reagruparam várias famílias. A sua população podia atingir 700 pessoas. Foi o início da aldeia Moange-le-Bosquet. As irmãs instalaram-se e inseriram-se no meio Baka. Por iniciativa do P. Paul Cuypers, reagrupamentos idênticos surgiram em Nochouam e em Nomedjo, distando entre 25 e 30 km de Lomié.

Depois da minha chegada a Lomié em 1994, os missionários que trabalham junto dos Baka tiveram uma importante reunião de avaliação. No fim deste encontro demo-nos conta que desde 1957, a nossa presença junto dos Baka não melhorou em nada a sua existência e ainda menos as suas relações com os Banto. O fosso que os separava, em vez de se reduzir, crescia. Porque à força de se ocuparem unicamente dos Pigmeus de Baka, os Banto maltratavam-nos ainda mais. Por força desta constatação, mudamos de estratégia, criando uma nova estrutura de desenvolvimento denominada AAPPEC (actividades para a auto-promoção das populações do Leste dos Camarões), que se ocupará daqui em diante tanto dos Baka como dos Banto, por que ambos têm direito à Boa Nova, que consiste em lembrar aos Banto que os Baka não são animais... mas seres humanos

“Durante quarenta anos junto dos Baka, o P. Ignace esforçar-se-á por os ajudar, por cuidar deles, por os defender”

“As irmãs instalaram-se e inseriram-se no meio Baka.”

“demo-nos conta que desde 1957, a nossa presença junto dos Baka não melhorou em nada a sua existência”

criados por Deus à sua imagem e semelhança como eles próprios. E aos Baka a reconhecer que também eles são filhos bem amados de Deus (Komba), que devem deixar os seus complexos de inferioridade, e que os Banto e Baka devem viver como irmãos. Para marcar a nossa vontade de mudança e de justiça social, enquanto responsáveis de tal projecto, recrutei cerca de 200 animadores Baka e Banto, repartidos pelas diversas actividades: saúde, educação de base, agricultura, Justiça e Paz, formação, comunicação, catequese.

Os animadores de saúde eram geralmente enfermeiros e "ajudantes de enfermeiro" Baka e Banto. Eles deslocavam-se muitas vezes de mota ou de carro para prestar os cuidados de saúde nas aldeias Banto e nos acampamentos Baka. A área do ensino ambulante tinha como método ORA (observar, reflectir e agir), que o Irmão António tinha desenvolvido nas escolas cristãs. Este método dava uma grande importância à língua e à cultura Baka. Hoje, a AAPPEC conta com sessenta centros de educação onde mais de 3000 crianças Baka e Banto vêm aprender a ler e a escrever. Através da área Justiça e Paz, fala-se-lhes dos seus direitos e deveres de cidadão camaronês como todos os outros camaroneses. Pede-se-lhes que obtenham documentos oficiais, tais como cédula de nascimento e bilhete de identidade nacional. Relativamente à área da catequese, o Padre Paul encontrou um método de catequese adaptado à sua cultura. Os Baka, sendo como muitos outros povos africanos de cultura oral, a partir de pequenos grupos de aprendizagem, eles tentam num primeiro momento reler o Evangelho traduzido em Baka, em seguida memorizá-lo e depois cantá-lo a partir de músicas que lhe são familiares. Assim eles podem cantar por todo o lado, mesmo quando a mamã se ocupa do seu bebé, quando trabalham no campo, quando caminham ou quando tomam banho no rio... Assim passa a Palavra de Deus. Este método produziu e continua a produzir os seus frutos. O Evangelho está portanto presente neste povo como algo que se deve inserir na tradição oral. Ele não é apenas recebido, mas celebrado pelos cantos e pelas danças. O Evangelho faz parte também dos contos Baka. Ora porque não?

Através da minha humilde presença no meio do povo Baka, respeitando sempre a sua cultura, o Evangelho é-lhes proposto como uma Boa Nova de salvação e de libertação, pela acção e pela palavra. Hoje, muitos deles converteram-se ao Cristianismo. Dos 60.000 Baka que povoam o Leste, mais de 40% tornaram-se cristãos. Há capelas na maior parte das povoações e tanto as orações como as missas são celebradas em Baka ou na língua Banto. Na AAPPEC formamos cada vez mais catequistas, Baka e Banto, que fazem um trabalho formidável. Neste momento em que os Baka são forçados a tornarem-se sedentários (formarem as suas próprias habitações) por causa da desflorestação, a nossa presença aqui é mais urgente do que nunca, primeiramente para ajudar a encontrar uma alternativa e também

“eles tentam num primeiro momento reler o Evangelho traduzido em Baka, em seguida memorizá-lo e depois cantá-lo a partir de músicas que lhe são familiares.”

“O Evangelho faz parte também dos contos Baka.”

a aprofundar com eles a partir do Evangelho a noção religiosa que existe no homem Baka, a noção de um Deus único pai, a noção da ligação do homem com Deus, sem esquecer o sentido das oferendas, dos sacrifícios no tempo da caça, por exemplo, a ligação contínua com Deus no dia-a-dia...

Por outro lado, não podemos deixar de colocar algumas questões sobre a cristianização do homem Baka. Conhecendo um pouco a sua cultura, surge automaticamente o problema do discurso moral e ético deste povo, e a maneira como a nova mensagem é transmitida. A religião cristã põe o problema do bem e do mal e propõe recompensar uns e castigar outros, segundo as suas escolhas. Na cultura Baka, como em outros universos negro-africanos, ignora-se esta oposição nítida, maniqueísta entre o bem e o mal e fala do bom e do menos bom. Não a culpabilidade, mas a vergonha, interpelando a pessoa de uma forma mais forte.

Conclusão

Há 70 anos, nós éramos praticamente os únicos actores da evangelização a Leste. Hoje o território está inundado por seitas americanas. As seitas penetram também no meio Baka. Elas fazem-no mais facilmente que nós e transmitem também os seus erros. Elas criam um clima de medo e de superstição, colocando constantemente os fiéis sob a ameaça do diabo, personagem desconhecida dos Baka. Desta maneira, o trabalho missionário junto dos Baka está longe de estar concluído, ao contrário está no seu começo. Neste momento de concorrência e de graves crises económicas, sociais e culturais devemos encontrar a maneira de redefinir a nossa presença, as nossas relações com os Baka e os Banto. Com efeito, o Leste dos Camarões torna-se cada vez mais um dos lugares de maior catástrofe ecológica do séc. XX, isto por causa da destruição da floresta equatorial e da exploração mineira do cobalto, do níquel, etc. As consequências nefastas destas práticas descobrir-se-ão num futuro próximo.

O pigmeu Baka tem uma forte vontade de se abrir ao mundo exterior, dito moderno, e dentro deste mesmo dinamismo, está também aberto à Palavra de Deus. Isto verifica-se pelas rápidas mudanças que afectam as suas sociedades: menos mobilidade, tentativa de adopção da agricultura, consumo acrescido de produtos comercializados, roupas europeias, calçado, rádio-cassetes, etc. Esta mudança não nos deve, no entanto, desviar a atenção de algo importante: a dificuldade de dissociar o Baka do seu meio original, não somente por causa dos recursos naturais, mas também porque é a partir do seu meio natural que o Baka constrói a sua maneira de viver a religião, adquire a sua concepção de tempo, de família, da relação homem-mulher, da organização de trabalho, do bem, de tudo. O

"o trabalho missionário junto dos Baka está longe de estar concluído, ao contrário está no seu começo."

“O Baka recusa um desenraizamento do seu meio de origem: a floresta tropical.”

Baka recusa um desenraizamento do seu meio de origem: a floresta tropical.

A evolução constante desta sociedade leva-os a tomar atitudes de resistência. A resistência dos Baka mostra a força de uma cultura que procura salvaguardar os valores espirituais em detrimento dos valores materiais. Separar complemente o Baka da floresta é correr um risco da sua extinção. Os índices de marginalização são já muito elevados. Mas a resistência à mudança vem de outra lógica. É preciso tomar consciência que o Baka é uma fonte contínua de saber ecológico: o Baka venera a natureza. É um homem religioso que tem sempre Deus em conta no seu comportamento. Numa palavra, o Baka pode ensinar-nos muito sobre o respeito da floresta e sobre a maneira de escapar ao vício da acumulação.

“A nossa missão junto dos Baka, hoje como ontem, está baseada no testemunho de amor.”

Porém, como qualquer grupo minoritário, ele precisa de ajuda e de acompanhamento. A nossa missão junto dos Baka, hoje como ontem, está baseada no testemunho de amor. Devemos tornar-nos cada vez mais presentes no meio deste povo marginalizado, ser solidários dos seus sofrimentos, de os acompanhar e, quando necessário, traçar com eles, o caminho de desenvolvimento, tendo em conta a sua particularidade, a sua temporalidade, os seus problemas sociais e as contradições às quais eles devem fazer face. Mas não esqueçamos sobretudo, que o Baka não é uma ilha (não estão isolados). O Baka mantém relações alargadas com outras famílias, fazendo alianças, pactos, ritos e mantendo também tensões com os Banto de maneira que qualquer aproximação dos Baka envolve inevitavelmente o Banto de uma maneira directa ou indirecta. Para nós missionários foi preciso 70 anos de presença a Leste para compreender isto.